



Gaiato

8 DE JUNHO DE 1974
ANO XXXI — N.º 789 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Voz de Emigrante

«Bristol, 12 de Maio de 1974

Bons Amigos:

Por motivo de pouca saúde, só agora me é possível agradecer o envio do livro «O Barredo».

A leitura dos livros de Pai Américo nos falam uma mensagem sempre actualizada; passam os anos, mas a mensagem, por ser puramente cristã, é sempre nova! Sensibiliza-nos até às lágrimas.

Temos seguido com imenso interesse o desenrolar dos acontecimentos em Portugal.

Que a justiça social impere no pensamento dos novos Governantes.

De qualquer forma, a maioria dos emigrantes agora se sentem «maiores». Doía-nos ouvir críticas duras ao nosso querido Portugal; era como se nos ferissem na nossa própria carne. E, ainda pior, reconhecíamos que eles tinham razão...

Orgulhamo-nos de pertencer a um povo que agora deu uma grande lição de civismo, amadurecimento democrático e de grandeza moral ao Mundo. Sem represálias, sem sangue, simplesmente com alegria, ordem e civismo, fizeram o que em outros países tem custado centenas de vidas. Agora, gritamos a todos os pulmões — somos todos portugueses. Viva Portugal!

Com um abraço para todos os do Gaiato do

Henrique»

Também o eco exterior das emoções populares tem chegado até nós provocando o seu efeito no espírito dos rapazes. A cada um de sua maneira. Gostei de observar. Nunca se leram com tanto interesse os jornais diários. Os desportivos desapareceram. Agora, em Casa, todos os dias, há vários jornais e eu não compro nenhum. À noite, no pequeno bar ou na sala de jogos, encontro os diários de Lisboa quer da manhã quer da tarde. São eles, os rapazes, que com suas parcas economias, compram, ao gosto próprio, este ou aquele matutino ou vespertino, lêem e dão aos amigos.

Não é só a emoção do momento que lhes abre o apetite da leitura, mas também o aprofundar o ideal que ouvem apregoar e o desejo de conhecerem as experiências dele em todos os aspectos da vida.

Eles gostam de participar. De serem responsáveis. De usar a liberdade livremente. De observarem os resultados que este modo de vida em que foram educados na Casa do Gaiato, faz nascer na Comunidade inteira dos portugueses.

Os mais pequenos ficam nas emoções. As notícias correm de boca em boca. Um verdadeiras, outras inventadas. Ontem, o «Hippy», veio a correr, ao meu encontro: «Sepacilo, atão ouvi dizer ca malta

do Lar se tinha revoltado e alguns fugiram?!...»

Ri com a pergunta do Luís Filipe, mas notei como todos andam extraordinariamente emocionados.

Que venha uma sã democracia, iniciada já por todos os portugueses. Que a liberdade, a responsabilidade, o amor ao trabalho e o respeito pela dignidade do homem, seja ele quem for, esteja na base de toda a ordem.

As Casas do Gaiato, como acusação que continuam a ser, contestarão de uma forma válida e empenhativa as desordens humanas, sem se enfeudarem em qualquer regime ou ideologia política. Amando os homens, apontando os erros, fazendo o Bem; criando optimismo, dando a vida!...

x x x

Há pouco tempo fui visitar uma Casa de crianças diminuídas mentais. No Alentejo. Em aldeia que nunca ouvira nomear. Estavam cento e cinquenta meninas e adolescentes. Cerca de um terço não seriam capazes de recupera-

ção sensível. As outras sim. Mas, que vi eu? — Um casarão. Grandes camaratas, um grande refeitório. Tudo em grande como nas vacarias!

Estava limpo. Havia asseio. Notava-se a dedicação de umas religiosas como nota marcante, mas... mais nada.

Nem assistência médica especializada, nem assistência pedagógica. Funcionava apenas uma sala de aula das 10 ao meio dia com a professora normal da aldeia. O único médico que ali dera entrada este ano quatro vezes era o da terra.

Não havia jardins nem horta. Não havia sombras nem lagos nem gaiolas nem animais. Tudo era deserto. A

Cont. na TERCEIRA página

Tribuna de Coimbra

Uma nova moradia para 60 Rapazes, na Casa do Gaiato de Lisboa
— Tojal (Loures)



Temos em casa dois Tós. Não devíamos ter, mas temos. Ambos vieram pelos Tribunais e ambos são da base da Estrela, embora de concelhos diferentes. O primeiro viveu sempre por favor e continua a viver em nossa Casa por favor.

O segundo veio com mais três irmãos. A Mãe faleceu de desastre e deixou oito filhos menores. As autoridades da terra vieram todas e, na altura, prometeram mundos e fundos. Calaram-se e não mais apareceram. Só o Tribunal pediu informações e mandou processo de entrega.

Os dois Tós morrem por dar um beijo e mais morrem por serem retribuídos. No fim da refeição eles ficam à

Cont. na TERCEIRA página

Património dos Pobres

«Tudo é permitido, mas nem tudo convém; tudo é permitido, mas nem tudo edifica.» (I COR 10, 23).

A crítica sagaz é consentida, adentro deste clima onde as liberdades de expressão e de pensamento são também consentidas. Mas pode não ser a mais conveniente nem a mais edificante. Sobretudo se tem em vista atacar objectivos que já em si são edificantes, pese, muito embora, as suas naturais limitações.

x x x

Não é para atirar «pedradas» a ninguém nem para fazer polémica que hoje aqui venho. Apenas, porque me vejo pequenino e humilde, acho por bem chamar a atenção de quan-

Cont. na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

CAMINHOS — Pessoas que assistiram a um filme falavam acaloradamente da forma como teriam avaliado o tema ou enredo da película, mas baseados na opinião, no desconhecimento de outros que assistiram à mesma exibição e que deformaram a verdadeira intenção do conteúdo da obra.

Este prelúdio talvez pareça não interessar. Mas, na verdade, interessa. Porque existe uma certa relação entre o que fica escrito e o que iremos acrescentar.

Todos nós trilhamos vários caminhos. Uns que nos ajudam. Por conseguinte, caminhos de paz para nós e para os outros. Mas também há os que percorremos, conscientes ou inconscientemente, e nos levam a disparates nada lucrativos, tanto no plano individual como no plano colectivo.

Falar de intenções, como, porquê e para quê esse trilhar, se cada um deve ser livre? O que não implica que haja esforços para, cada vez menos, o homem não ser como um barco à deriva. Mas cada vez mais e melhor orientado para a plena consciencialização desses dois caminhos. Ora aqui está. Decerto os Doentes de qualquer espécie que aparecem aqui, também trazem a marca de caminhos que tiveram antes. Talvez vos pareça um paradoxo mas na verdade é o que auscultamos na nossa insignificante vivência entre estes que, para descargo de muitos, são desviados daquele caminho a que todo o homem, são ou defeituoso no corpo, tem pleno direito: o caminho da Felicidade. Brinca-se com os valores humanos e até com pessoas que aceitam esses enfeitados dos vários caminhos aonde eram estorvo, ou mesmo lixo, embora seres humanos! Poderíamos citar casos adaptados aqui — e alguns deixam em nós marcas profundas e difíceis de extinção — mas cremos que, ou não entenderiam as nossas palavras, ou pior do que isso, fariam eco ao lerm-nas e nada mais. E há tantos caminhantes que passam despercebidos ou não dão fé quando passam junto das tocas, barracas, vãos de escadas! Muito embora haja muita discussão. Mas de modo algum se deixa de caminhar por caminhos que não têm fim... — e de mãos e corações vazios!...

BELEZAS — Nunca será demasiado falar ou escrever, sobre a beleza que a Natureza nos oferece aqui, no Calvário.

Na altura em que vos transmito estas impressões, há sol com algumas nuvens. No meio de tanta beleza natural, nem tudo é baseado de uma forma livre. Porque terá de haver arranjos nos jardins e nos arruamentos de forma a ser esta beleza ajudada e reforçada. Gosto de ver tudo isto verde e com força

vegetativa. Mas mais ainda de ver o senhor Jorge a preocupar-se em manter as sebes sempre alinhadas e aparadas. E outros mais capazes a tirarem ervas bravias dos relvados e limpar os arruamentos. Tudo isto é bonito. Mas... há belezas mais significativas que se descum por incapacidade ou comodismo. Sabemos que é muito mais fácil manter o silêncio do que estar a escrever sobre certos tipos de beleza. Mas não é menos certo que não passará de utopia esta beleza natural, se não houver da parte de todos nós, de dentro e de fora, o sentido verdadeiro da autêntica beleza. As expressões linguísticas não nos dizem nada. Mas sim o sentido de certas afirmações como esta: «Se todos os homens quisessem, todos teríamos (os Doentes) mais «beleza» interior!»

Ora aqui está! Nem sempre isso acontece. Porque nem sempre há vontade para se aceitar a verdade tal como ela é. Não basta o desejo de vir ou estar aqui para saborear tudo o que este meio encerra. Algo de muito importante é necessário para se atingir a finalidade da citada afirmação: é necessário tratar dos corpos. Não de uma forma rotineira mas com o verdadeiro sentido das carências de cada um. Mas isso, se é importante, é-o muito mais quando se pretende caminhar no sentido de dar ao sofrimento a verdadeira dimensão e razão de ser neste mundo. Porque isto transcende a nossa capacidade humana. É por isso que a beleza não é só banhada de sol, mas também de nuvens.

Não julguem (quem ler estes considerandos) que não acreditamos em vós. Simplesmente queremos partilhar convosco dos nossos desejos de vermos uma beleza natural. Mas na «outra» forma de beleza continuamos a ver nuvens altas e baixas. «Se assim foi, há-de ser sempre» — ouvimos muitas vezes. Será? Só na medida em que haja sempre quem se extasie com a beleza natural e veja estes Irmãos-doentes como coisas demasiadamente distantes e secundárias!...

Não, assim não se pode ver a beleza que Pai Américo sonhou para o Calvário!

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS — Aproxima-se o fim do ano escolar. Virão os exames, que nunca vêm sem dores de cabeça, e depois as tão ambicionadas férias.

Férias já é tema de muitas conversas e, quem sabe se não?, de muitos pensamentos. Uns pensarão: «nunca mais chegamos às férias!» São os desocupados. Outros vêm as férias pelo vidro fosco dos exames. Cá em Casa há um outro motivo que faz pensar nas férias: é uma casa linda, confortável, à beira-mar. Esta semana a carrinha tem ido e vindo mais vezes do que era normal. Têm ido portas e janelas, sinais evidentes de acabamentos, que dão que pensar e sonhar a pequenos e grandes, e mais que chegou o boato, que não sei se certo, que o trabalho de calceteiros e pedreiros finaliza esta semana.

As barracas do velho acampamento tinham nove anos; jazem já arruma-

das a um canto. Até elas parece que adivinharam que iriam ser substituídas, pois têm-se mantido fortes e incorruptíveis à traça e este ano enfraqueceram; mas se for necessário ainda servirão.

Esperemos as férias porque a casa é uma prenda-surpresa para quase todos.

PRIMAVERA — Eu havia sentido sempre uma pequena diferença na Primavera. Atribuía-a ao nascimento das flores e folhas nas árvores, nunca a tinha sentido no ambiente. Este ano vivi essa diferença. Não só as plantas ganharam forças e rebentaram em folhas e flores, também nas pessoas há uma explosão de força que as leva a trabalhar de manhã à noite sem sentir o cansaço. Só assim podem, dum momento para o outro, aparecer tantas sementeiras e plantações feitas e outros trabalhos que a estação traz.

Cá em Casa foram batatas a semear; erva a cortar; feijões, abóboras, melões e milho a semear; tomateiros, couves, beterrabas, alfaces e cebolo a plantar. Depois as batatas a schar; nós às seis da manhã toca a levantar e, chegados à noite, achamos bem merecido o descansar e outras coisas terminadas em ar como... jantar... e se assim continuo, não paro de falar; por isso é melhor terminar.

Lita

Paço de Sousa

VISITANTES — Agora que o calor já aperta, muitas pessoas nos vêm visitar, sobretudo excursões de várias terras espalhadas pelo País. Não admira porque a nossa Casa é muito conhecida no País e até no estrangeiro.

TELESCOLA — As aulas de Telescola têm corrido bem. É certo que nem todos estudam bem; uns porque não querem, outros porque a cabeça não dá para mais. Estamos já quase no fim do ano lectivo, com alguns do primeiro ano prestes a passarem para o segundo. E a respeito dos do segundo ano, esses já tiveram as suas provas orais. Correram bem para uns porque se aplicaram aos estudos, e mal para os outros que não fizeram nada durante o ano. Espera-se que na prova escrita tudo corra bem. Boa sorte.

TROPAS — Mais um — o «Faisca» — que parte para o Ultramar, a prestar serviço em Moçambique. Esperamos que tudo lhe corra bem. Boa viagem.

LAVOURA — A nossa lavoura tem corrido pelo melhor. Já se deitou a semente do milho à terra. Esperamos que este ano haja bastante milho. Os nossos porcos têm aumentado muito. De vez em quando é preciso matar algum, visto não haver lugar para todos...

As videiras já começaram a rebentar e milhares de cachos começaram a aparecer. Têm-se sulfatado sempre que é preciso, porque este ano queremos que haja mais vinho do que no ano passado.

FLORES — Estamos na Primavera. As roseiras estão cobertas de lindas flores de cores variadas. É um encanto ver a nossa Aldeia assim florida. Aos

domingos encontram-se sempre visitantes nossos com flores tiradas das nossas roseiras. Quem não gosta de flores? Eu acho que toda a gente gosta de as ter, e porque não?, se estamos no mês de Maio!

GRUPOS — É tão lindo ver a nossa Aldeia limpa e bonita! Os «Batatinhas» são quem faz o serviço mais leve, visto serem pequenos. Os outros, que já são mais crescidos, aplicam-se aos trabalhos mais pesados. Isto refiro-me a dias de aulas. Ao sábado, visto não haver aulas cá na Aldeia, os «Batatinhas» limpam os locais onde trabalham. Os que já são da lenha limpam os locais onde há mais sujidade e é preciso fazer desaparecer aquilo. Ao sábado é quando se trabalha mais, porque no domingo queremos mostrar aos nossos visitantes que gostamos de ter sempre tudo limpo.

MÊS DE MARIA — Estamos prestes a chegar ao fim do mês de Nossa Senhora. Neste mês o sr. Pe. Carlos tem-nos falado sobre a vida de infância de Jesus Cristo. Pois se Ela deu à luz Aquele que viria a ser o Salvador do Mundo é justo que lhe dediquemos este mês tão belo.

Morgado

Prezados leitores:

Perdoai virmos fazer um pedido, mas é-nos muito necessário: uma máquina de costura zig-zag.

Poderão os nossos amigos voltar-se desta vez para a rouparia? E ajudar-nos a esta justa pretensão?

Certamente não poderá ser só um leitor! Mas onde todos ajudam nada custa.

Mãos à obra, e mandem as vossas ajudas, mas explicando que é para a máquina da rouparia.

Desde já um obrigado em nome de todos os

Roupeiros

TOJAL

ELEIÇÕES — Mais um rapaz dos nossos está prestes a partir para uma nova fase de vida, o serviço militar: o Vitor «Pastor», que chamado para servir a Pátria, deixará em breve de ser o nosso chefe maior.

Como não poderia deixar de ser, tivemos de recorrer a eleições para se eleger novo chefe e o sub-chefe, e é dos resultados que vos quero informar.

Este ano foi um pouco alterado o regulamento das eleições.

Foram eleitores todos os rapazes com a 4.ª classe feita e que não tivessem menos de um ano de Casa.

Eram elegíveis para chefes, todos os rapazes com mais de 16 anos e que estivessem dentro dos requisitos para se ser eleitor. Além disso não podiam estar já apurados para o serviço militar.

Para sub-chefes puderam, candidatar-se ainda todos aqueles que se

encontravam na casa dos 15 anos, assim como os elementos abrangidos pela alínea anterior.

No primeiro escrutínio, para a eleição do chefe, não se verificou uma votação por maioria absoluta, ou seja, metade mais um, pois se apresentaram os seguintes resultados:

Zé Luís — 8 votos
Jorge Barril — 7 »
«Macau» — 6 »

Procedeu-se a segundo escrutínio com os dois mais votados no primeiro. E, assim, verificaram-se os votos seguintes:

Zé Luís — 21 votos
Jorge Barril — 13 »

Foi portanto tomado conhecimento do novo chefe. É o Zé Luís.

Seguiu-se depois a eleição do sub-chefe.

Nesta série, houve também dois escrutínios. No primeiro apareceram mais votados os seguintes:

«Macau» — 7 votos
Luís Covas — 5 »
Zé Pedro — 4 »

Devido à não existência de maioria absoluta no primeiro escrutínio, recorre-se ao segundo, com os dois mais votados e ficou assim ordenada a votação:

«Macau» — 26 votos
Luís Covas — 8 »

Estava conhecido o sub-chefe. É o «Macau».

Só desejamos que eles, chefe e sub-chefe, possam guiar e governar a Comunidade da melhor maneira e pelo melhor caminho e que lhes não falem forças e coragem.

OBRAS — Depois da inauguração das novas camaratas, o que aliás é já do vosso conhecimento, prosseguiu-se a construção do Parque Infantil, bem assim da Casa Agrícola.

Entretanto já se começaram a abrir os caboucos para as restantes camaratas. Serão dois edifícios de um só piso, que com o esforço de todos e a ajuda de todos nós, virão a beneficiar também a todos.

As oficinas de Serralharia e Carpintaria, que se encontravam ainda nas antigas instalações, passaram já a funcionar nas novas instalações, junto das restantes já inauguradas.

DESPERTADORES — Precisamos, pois, na nossa idade, o sono é pesado e custa-nos a acordar... Desde já muito obrigado.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Hoje, a **precissão** compõe-se de cinco peregrinos:

É um cartão discreto: «**Dum anónimo, com muito carinho**» — cheques de 300\$00. Visitante da Invicta com 50\$00. Uma senhora do Guincho, com 200\$00 «**para os Pobres da Conferência**»; vai **sublinhado não vão perder-se pelas ma-**



Cont. da PRIMEIRA página

tos se julgam grandes. De quantos, sob uma falsa bitola de humildade e justiça se propõem construir um «mundo melhor». Recorrendo para isso, ao uso e abuso de palavras. Condenando, até, justas causas e homens, a fim de fazerem valer os seus princípios. Sou de parecer que o diálogo franco e aberto nunca fez mal a ninguém. Que ainda é um dos bons remédios para chegarmos a soluções positivas e honestas. Então porque não o diálogo? Mas vamos riscar desde já as tais discussões inúteis, sem eira nem beira, filiadas

PATRIMONIO DOS POBRES



tantas vezes em ressentimentos mútuos. Essas não interessam. Não fazem luz. Não põem «a nu» o que está mal para que se emende. Não arrumam as coisas nos seus lugares certos.

x x x

Eis o que me traz. Os leitores de «O Gaiato» e dos livros de Pai Américo e ainda quantos têm ouvido a nossa «mensagem» sabem (ou pelo menos têm uma ideia) o que é o Património dos Pobres. Muito se tem dito e escrito sobre ele. Para os que não sabem, resumimo-lo em poucas palavras. O «Património» foi levantado para proporcionar casas de pedra e cal, com água, luz, e as mais elementares condições de conforto a quem nunca teve nada de seu. A quem, amarfanhado ou posto de lado por uma sociedade impiedosa, nunca teve forças para por si próprio ter criado essas condições mínimas para viver e crescer sadiamente. É para a família do Pobre, do rejeitado pelas estruturas sociais...

Alguns cristãos — não muitos, infelizmente! — têm dado o «corpo ao manifesto», anos e anos a fio, a bem desta causa. Deixam os seus lugares cómodos e vêm trabalhar com e pelos Pobres. Houve um tempo em que os «espectadores» (os que não faziam mais nada senão ver o trabalho dos outros), elogiavam a acção destes poucos «mouros de trabalho». Não poucas vezes com palavras lindíssimas, rebuscadas, lá no fundo dos dicionários. Passou esse tempo. Sobreveio um outro, caracterizado por uma certa indiferença, talvez porque tenha passado o transe da novidade. Outros, até então a trabalhar pelo Património, afastaram-se, talvez desanimados pelo muito e desgastante trabalho ou até por incompreensões. Todavia, nos nossos dias, temos de denunciar germes revolucionários que tentam alienar este trabalho ou reestruturá-lo a seu bel prazer. Vozes de homens que implicitamente são dados como responsáveis no seio da Comunidade Cristã. Mas que até agora nada têm feito neste campo. Fléis ao lema de que é preciso revolucionar ou criar «coisas novas», são estes os que agora se erguem contra o trabalho dos outros, rotulando-o até de que andam em causa lucros materiais. Que se critique e que se apontem erros, está tudo muito certo. Mas forçoso é que não se fique por aqui. Seria bom que essas vozes maldizentes viessem então para a liça e apontassem um caminho melhor. Não com meras palavras (que é no que têm ficado até à data) mas com obras, com acções.

Júlio Mendes

Revolucionem, pois, o que quiserem. Comecem até de zero, esquecendo tudo o que pelo Património foi feito até aqui. Se quiserem, ainda, para maior largueza de acção, até é possível afastar os responsáveis actuais, que bem precisam dum bom e merecido descanso!

Eu penso que estes «críticos» não têm em mente fazer nada. Dizem mal porque é «bonito» dizer mal. Os simpatizantes anárquicos que se congratulam em destruir, estão por eles. Mas cuidado!, senhores. É que tudo é permitido, mas nem tudo edifica. E pode bem acontecer que os «mouros de trabalho» se cansem de ouvir e desanimem ou se afastem mesmo, deixando mais lu-

gares vazios numa messe tão grande e servida por tão poucos operários. A que consequências assistiremos? — uma multidão imensa de Pobres à deriva; famílias cada vez mais dilaceradas nos seus direitos fundamentais; uma sociedade que se vai corrompendo cada vez mais; etc.

x x x

O Património dos Pobres não pode acabar. Tal como as Casas do Gaiato, tal como as instituições de beneficência. Pelo menos por agora, enquanto a Assistência em Portugal não conhecer melhores dias e novos rumos forem traçados. Se as instituições de benefi-



A filha do Octávio, de Maianje.

lhas...» Mais 50\$00, da assinante 17740, «pelo eterno descanso do meu querido filho Rui». Finalmente, 100\$00 da assinante 28752, da Foz do Douro, e uma prece: «Que Deus nos proteja e que, lá do Céu, Pai Américo peça a Deus por nós, por seus filhos e pela nossa Pátria...»

⊙ Agora, passam pelos meus olhos todos os Pobres que beneficiam da perseverante colabracção dos nossos leitores: o que não sabe nem pode cozinhar e tem mesa posta ao almoço e ao jantar; os que, na curva da vida, não teriam nada, ou quase nada, de ninguém; os Doentes que precisam de tudo e aos quais não faltamos com os medicamentos necessários — sem olhar a preços.

— Olhe; o meu pai já tem as pernas esquecidas... E faz tudo na cama! Precisa destes remédios.

É a filha, aflita, gemendo o seu calvário.

Apesar de alguns já beneficiarem dos Serviços Médico-Sociais, onde é que têm dinheiro para satisfazer, na farmácia, os 25% ou 40% do valor dos remédios? Aqui está um problema muito antigo, a ser encarado pelos responsáveis, nesta fase primária de co-gestão.

Como sempre, não podemos nem devemos calar estas faltas. Porque se hoje, muita gente — tantos com sacrifício, é certo — consegue medicar-se completamente pela Previdência, há uma legião de Pobres que não. E, sendo assim, se a instituição ainda não encarou o problema, os próprios hospitais civis, pelo que nos é dado saber, excepto os dispensários anti-tuberculosos, por exemplo, também não se dispõem a medicar doentes externos, incipientes — quanto mais os mais pobres beneficiários das Caixas!

Cont. da PRIMEIRA página

procura dos restos pelas mesas, de famintos que a vida os fez. Andam ambos na primeira classe e nada têm progredido. Ficam-se esquecidos e para eles não há horas. São os Tós.

Temos dito no Tribunal que o lugar dos Tós não é na Casa do Gaiato. Eles não podem estar por favor. Eles têm direito a viver no seu lugar. Têm direito a um ambiente que seja o seu: com escola especial, com educadores preparados, com métodos adequados, com condições aptas à sua promoção.

Não podemos mais calar e consentir que as Casas do Gaiato — ou outras semelhantes — sejam escoamentos para todos, sobretudo para os «coitadinhos, que é uma grande obra de caridade recebê-los». Apregoamos muito as obras de caridade e calamos as obras



de justiça. Ai os nossos pecados de omissão!

Não sabemos o que há para estes deficientes motores, mas julgamos que pouco ou nada existe. Preferimos ignorar o peso social que eles um dia serão, do que incomodar-nos a procurar soluções, para que cada um seja útil na construção da sociedade.

Nós queremos aproveitar o momento para fazermos a nossa reivindicação — temos a impressão de que todos se levantam a dizer que tudo está mal mesmo aqueles que há pouco apregoavam que tudo es-

cência acabassem por não serem mais necessárias, cremos que seria a maior conquista feita pelo povo português. A existência delas só denuncia que as estruturas sociais não andam nem têm andado bem. Nós que agora somos por elas, somos os primeiros a gritar que desapareçam e que com elas desapareçam os bairros de lata, a prostituição, o alcoolismo, os miseráveis, as crianças abandonadas pelos pais, os doentes incuráveis que a sociedade não quer suportar, a velhice que é atirada para estabelecimentos onde não existe carinho e quase nenhuma condições humanas, e todas as demais mazelas sociais de que o nosso País está cheio.

É por tudo isto que entendo, sem querer ferir ninguém, que todos os que criticam e dizem mal, entrem bem «dentro de si» e vejam se com isso constroem ou destroem mais. Que se calem as vozes e deitem-nos todos ao trabalho, de mãos dadas todos, como bons amigos.

Rogério

tava muito bem — mas, nesta hora de renovação e de esperança, queremos alertar os responsáveis para que atendam à criança abandonada, especialmente à criança diminuída.

Gostamos muito de receber e dar um beijo aos nossos Tós, mas não é com beijos que damos solução às suas vidas.

Falámos de dois, mas temos muitos mais. Por amor deles gritamos para que a nossa voz seja escutada e atendida.

Padre Horácio



Cont. da PRIMEIRA página

frescura, a leveza e a poesia desapareceram.

Vim de alma partida e coraçãõ a sangrar. Aquilo só não é um depósito porque estão ali as Irmãs. Os campos de recreio onde estão? Onde os passeios? Onde o canto dos passarinhos e a ternura dos seus ninhos? Onde a vida?

Outro dia achei uma graça imensa ao Júlio-pequeno que me veio dizer com a mão

atrás das costas: — Olhe que a «Mocha» (uma ovelha) está mesmo a ter o «filhinho», já o tinha aqui.

Ali nada. Tudo é artificial. Até o ar nos claustros fechadíssimos.

O mundo precisa de comungar daquela infelicidade. Nada para ajudar o homem a sair de si mesmo como sentir a sorte dos seus Irmãos. Mas tão longe e tão ignorados, não!

Estou convencido de que os cegos existem também para

que saibamos apreciar o nosso dom da vista. Penso também que muitos daqueles males nascem da miséria física e moral, da injustiça institucionalizada, do comodismo desenfreado e são um grito de eloquência única para fazer acordar os homens.

Assim, nada.

Padre Acílio

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Problemas Sociais

1 Segundo um comunicado oficial de 25 de Maio, o Conselho de Ministros aprovou um diploma que concede «aumento às pensões mínimas de reforma e invalidez», atingindo «valores percentuais da ordem de 100% e adoptando-se, na sua fixação, os critérios da Organização Internacional do Trabalho».

Folgamos com a notícia! Aliás, para o vicentino — para o cristão — que sente ao vivo (nas mansardas ou nos bairros de lata, na cidade ou no campo) as carências de tantos Pobres — velhos e velhas ou inválidos — contam muito as obras, mais do que as palavras.

Folgamos com a notícia! Na presente conjuntura, para que a Justiça seja perfeita e todos beneficie, dentro das naturais limitações, é de crer que os rurais, que nunca beneficiaram do seguro social e recebem (já havia 7 meses que não!) um subsídio de miséria — menos de 300\$00 mensais — não sejam esquecidos, no «ghetto» onde foram encerrados por negligência.

Não vamos abrir o livro das omissões ou negligências — conscientes ou inconscientes. Falta-nos competência, dados reais. Mas, basta cingirmo-nos ao nosso estreito raio de acção para obtermos um índice aplicável à generalidade dos heróicos campesinos.

2 Por vocação, por formação, procuramos ser um observador mais ou menos atento das realidades e ficções da nossa terra, sobretudo no que se refere aos problemas dos Pobres.

Por temperamento, por formação, jamais nos enfeudámos a espartilhos. Respeitamos todas as opiniões válidas. Admiramos, particularmente, a verticalidade, a coerência, a heroicidade de muitos homens que se bateram, e batem, por ideais que acham justos — desde que não violem a Liberdade dos outros.

Ora, nesta euforia, não nos surpreendemos com demagogos que — submetidos a discutíveis dogmatismos — não compreendem, não aceitam, não respeitam a acção supletiva de cidadãos, movimentos ou obras que se dispuseram, e dispõem — à Luz da Boa Nova — a suprir carências por deficiências de estruturas.

Antes de mais, lembro aquele homem — um cientista — que teve o descaramento de pôr em causa a existência da Obra da Rua, de obras semelhantes. A sua filosofia, deformada, chegava ao ponto de preferir deixar os Gaiatos morrer de fome na valeta, na mansarda, na rua — enquanto se não reformassem as estruturas!! Que seríamos nós, e muitos outros, ontem, hoje ou amanhã?!

Falava assim porque tinha a barriga cheia...

Agora, encontro outro a dar pranchada nos métodos, critérios e validade de construções de casas para Pobres! No que se refere aos extremos de segregação — onde existem — tome lá o nosso aplauso. Mas pôr em cheque a relativa eficácia de obras oportunas, isso, alto lá! Nunca morou numa barraca pestilenta...

Este alinha, praticamente, com a primeira conclusão: deixar morrer ao relento ou na imundície todos, todos os sem casa — enquanto se não reformarem as estruturas!!

Júlio Mendes

«O BARREDO» e os seus leitores

Há dias, os jornais trouxeram amplas reportagens sobre justíssimas reivindicações numa manifestação do povo do Barredo, que exige moradias decentes. Repugna-lhes, na própria carne, a promiscuidade dos seus antros miseráveis.

Foi uma tomada de consciência pública de base, como portavozes de sucessivas gerações que «há mais de um século,

nos Arcos da Ribeira — e por toda a Escarpa — gastam a vida assim» — marginados.

Sim, damos graças a Deus pelo consciente despertar daquela «Terra de Mártires, de Heróis, de Santos». E, quem dera!, as suas humaníssimas exigências fiquem bem registadas, para se ultimar — oportuna e definitivamente — a resolução do mais doloroso problema da cidade do Porto.

Naquele dia — enquanto devorava o periódico — meditei na acção de Pai Américo: nos seus passos dolorosos, na sua entrega total àqueles nossos Irmãos. Ouvi-o desabafar, no fim duma jornada: «Ninguém sabe o que vai dentro de mim! Ele há quem envelheça por não poder fazer melhor...» E ouvi-o, ainda, replicar, com ênfase, aos fariseus imobilistas: «Ele é tão fácil acusar e condenar os Francos!...»

«O Barredo» é um livro branco, tingido de sangue. Que tem mentalizado, ao longo dos anos, um rol de gente, muitos homens de boa vontade — para o problema de todos os Barredos de Portugal. Segundo um leitor de Lisboa, ele é «uma pequena «Bíblia», pequena em tamanho mas muito grande no seu conteúdo». E acrescenta: «Que bem nos sabe, a mim e minha família, ler em voz alta um capítulo, à noite, depois de um dia exultante de trabalho!... Serve-nos de bálsamo e até de lenitivo, dando-nos forças e confiança no futuro e ainda mais fé e esperança nas orações que diariamente oferecemos ao Senhor...»

Agora, damos a palavra aos «Avós de Sintra»:

«O Barredo» chegou quando me encontrava de cama e bastante desanimado. Comecei a lê-lo... Não, devorei-o. E o que são os meus males comparados com aqueles ali relatados?! Nada, mesmo nada. E, no entanto, eu tenho um mal de coração, que pode levar-me de um momento para o outro.

(...) Como nos parece impossível viver-se em tais condições!... E para mim, embora todos os casos me façam sofrer, é o das pobres crianças que vieram ao mundo em tais condições de desumanidade. E nós que passamos perto e tão indiferentes a essa miséria! Deus nos ilumine e não nos deixe esquecer esses Irmãos que, enquanto nós aquecemos estômagos e corpos, e até com o dispensável, Eles não têm nada de nada. Nada!

Aqui vos envio esta nota para uma minúscula parcela do valor que este livro tem para mim. É pouco, sei-o bem, mas o mês vai a meio, a doença leva tudo e somos um casal de (mal) aposentados. Perdão eu peço a Deus, por também muitas vezes me esquecer desses infelizes Irmãos...»

Todas as cartas e postais são vibrantes testemunhos d'alma, d'almas que sangram com a miséria imerecida!

Padre Luiz

Júlio Mendes

AQUI LISBOA

A igualdade dos cidadãos perante as leis é uma exigência intrínseca, diríamos ontológica, das regras de convivência humana numa sociedade fundada na Justiça, na Verdade e no Amor. Se a todos cabem os mesmos direitos, quando aptos e capazes de os usufruir, a ninguém é lícito eximir-se ao cumprimento dos deveres correlativos. Ao Poder Público cabe a responsabilidade de assegurar, tenaz e intransigentemente, aquela igualdade, quer se trate de Pedro ou de Paulo, quer se seja filho deste ou daquele, quer se seja rico ou pobre. Ao fazê-lo só se prestigia e cumpre uma elementar obrigação; permitindo ou fechando os olhos às discriminações só se avilta, gerando a revolta e o mau estar.

Sustenta o País em várias frentes uma guerra difícil e dispendiosa, em vidas e em sacrifícios de vária ordem. Temos visto partir para longe, sabe Deus com que saudade, muitos dos nossos Rapazes e normalmente entre todas as Casas do Gaiato, partilham do cumprimento do dever militar entre 20 e 30, a maior parte dos quais no Ultramar. Sempre os temos exortado ao cumprimento das suas responsabilidades de homens e de cristãos e se, até à data, não temos a lamentar a morte de nenhum dos que foram nossos, não é menos verdade que já não é o primeiro a ser vítima de ferimentos mais ou menos graves. As dificuldades e os problemas têm de ser sofridos por todos e não seremos nós a furtar-nos ao cumprimento das nossas responsabilidades. O que não nos parece certo, e daqui chamamos à atenção do Senhor Ministro da Defesa Nacional para o facto, é a discriminação que parece existir entre certas camadas de jovens. Queremos referir-nos às «estrelas» do futebol e outras que, dum modo geral, conseguem furtar-se à mobilização para o Ultramar e levam uma vida militar claramente regalada, enquanto aqueles que não sabem dar um pontapé numa bola ou não possuem voz ou presença física, se sacrificam devotadamente, às vezes com derramamento do próprio sangue, em defesa da Pátria. E, por muito que gostemos de futebol ou de qualquer actividade artística, não podemos compreender em nome de que princípios se pode, como é voz pública, prometer a não mobilização para o Ultramar de quem quer que seja, enquanto outros, muitas das vezes mais qualificados profissionalmente e até já depois de terem prestado o serviço militar normal, com mulher e filhos, são chamados a suportar o peso das responsabilidades.

Quem escreve estas linhas, antes de ser sacerdote, também cumpriu o seu dever militar para com o País, e sabe que o patriotismo faz parte da virtude da Religião. Pela visão do primeiro e pelo sentir, que pretende equilibrado, do segundo, denuncia uma situação injusta e conta que, ao fazê-lo, presta um serviço ao País e a quem o dirige.

As palavras anteriores foram escritas para «O Gaiato» n.º 691, de 5 de Setembro de 1970, mas impedidas de sair pela Censura então em vigor. Em seu lugar, de forma a preencher a nossa habitual rubrica, sob o título «Tudo é comum a todos», compôs-se um excerto de S. João Crisóstomo. Passados cerca de 4 anos, com já várias mortes a assinalar entre os nossos, achamos oportuna a inscrição no «Famoso» do então escrito. Mudadas as circunstâncias e decorrido o tempo, não vemos que os princípios então enumerados deixem de ser os mesmos. O pesado sacrifício pedido aos jovens do nosso tempo, ou é para todos sem acepção de pessoas, ou não é para ninguém. O sol quando nasce não pode ser privilégio de alguns, mesmo que mais dotados ou com argumentos mais ou menos capciosos, escudados muitas das vezes em duvidosas objecções de consciência. Em nome dos nossos Rapazes, sem esquecer os demais, chamados ao cumprimento dos seus deveres militares, mortos, estropeados, regressados são e salvos ao nosso convívio mas marcados pelas cansaças e sacrifícios, ou presentemente nas primeiras linhas, aqui ficam estas simples mas firmes linhas.

JOAQUIM DOS SANTOS PINHO

Na nossa gíria era o «Quim Pançudo», em razão daquele enorme ventre que trouxe, em pequenino, fruto de muita fome curtida desde o tempo da gestação. Depois, com os anos, o ventre foi-se, mas o «apelido» ficou.

Era um rapaz damasiado simples para ser infeliz, posto lhe não faltassem motivos para complexos. Aos 18 anos, provados os ofícios que poderia ter seguido aqui, sem promessas de êxito, voltou ao lar (entretanto recomposto pelo regresso do pai) e empregou-se em uma fábrica das cercanias de S. João da Madeira.

Chegou o tempo da tropa. Chegou a vez de ser mobilizado. Calhou-lhe a Guiné.

Em um dos derradeiros aerogramas, dizia-se satisfeito pela zona relativamente calma que lhe coubera. Simples como era, encontrava no pouco razões de felicidade.

Pois agora será mais feliz, assim o esperamos: A «calma» da sua zona virou em guerra e a morte surpreendeu-o entre outros.

É o segundo nosso que na Guiné terminou sua peregrinação. Outro em Angola, o Barbosa, da Casa de Setúbal.

Em 13 anos de guerra, com mais de um cento de Rapazes passados pelo Ultramar (só na lista dos últimos anos — que as outras já inutilizei —

conto 63), não somos das Famílias mais feridas. Demos graças a Deus. Mas isso não apaga a saudade de cada um. E aviva a memória dolorosa daquelas enfermarias cheias de mutilados para quem a vida dificilmente sorrirá sem sombras.

Que a paz venha depressa. Fundada na Justiça que é o seu único alicerce verdadeiro. Honrosa para todos. Fautora do bem de todos.

